

5 f h] [c g

Paris viveu dias de apogeu durante o reinado de Luís XIV. Convergia naquele então para a França, num ininterrupto desfile cujo palco principal era o Palácio de Versailles, toda espécie de manifestações do poderio francês no campo das artes, das ciências, das letras e das conquistas militares, compondo uma página notável nos anais desta nação.

Entretanto, ao lado de tantos triunfos avançava silenciosamente uma grave crise religiosa, própria a desviar os espíritos do cumprimento dos preceitos cristãos e atraí-los para ideais cada vez mais distantes dos pregados pelo Divino Redentor. Era a diminuição de fervor que, no século seguinte, acabaria determinando os trágicos episódios da Revolução Francesa.

No seio da deslumbrante Cidade Luz, onde tudo era charme, brilho e requinte, nem todos se mostravam indiferentes a esta realidade mais profunda. Movidos pela graça, muitos homens de valor e influência, aos quais coube um papel decisivo no desenrolar dos fatos da época, aperceberam-se da gravidade do momento e se dedicaram com ardor à luta por um elevado objetivo: colocar Deus no centro daquela sociedade, como o verdadeiro Senhor das almas.

Irmanados por estes anseios eles formaram, sob o impulso de certo sacerdote chamado Pedro de Bérulle, um numeroso grupo de eclesiásticos provenientes de várias regiões do país, empenhados todos em progredir nas vias da santidade. A lista dos integrantes deste círculo é extensa, mas podemos enumerar aqui alguns de seus expoentes: São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo, Carlos de Condren, João Tiago Olier e aquele que é celebrado pela Igreja a 19 de agosto: São João Eudes.

Membro eminente da escola francesa de espiritualidade

Era na residência de madame Bárbara Acarie que se realizavam os encontros do grupo. Digna representante das melhores tradições e qualidades da nobreza parisiense, ela abria as portas de sua mansão a cada semana para receber os clérigos, vários membros da aristocracia e leigos desejosos de um maior aprofundamento em temas católicos, sobretudo teológicos, bem como de uma entrega mais profunda à

%#%&

5 f h] [c g

oração e à meditação.

	&

5 f h] [c g

*Na deslumbrante Cidade Luz, nem todos se mostravam
indiferentes a esta realidade*

*O Cardeal Pedro de Bérulle, por Philippe de Champaigne; São Francisco
de
Sales - Santa Gruta de Manresa (Espanha); São Vicente de Paulo -
Igreja
de São Vicente, Cracóvia (Polônia)*

Neste ambiente marcado pelo ardor religioso formou-se um corpo de elite, hoje conhecido como a escola francesa de espiritualidade. Curiosamente, muitos dos que ali marcavam presença pertenciam a diversas congregações religiosas e possuíam formação heterogênea. Essas diferenças, porém, eram superadas pela caridade de todos e constituíam, inclusive, um fator de enriquecimento.

O padre João Eudes era um sacerdote vindo da Normandia ainda nos anos da juventude para integrar a Congregação do Oratório, recém-fundada por Bérulle. Dedicado pregador de missões populares, ele também se distinguia naquele círculo por uma palavra fácil e penetrante, por seu conhecimento doutrinário profundo e por traços místicos que o uniam com vínculos estreitos a Cristo e à sua Mãe Santíssima.

As multidões por ele convertidas testemunhavam o calor de sua pregação. E quando falava ao seletivo conjunto do Palacete Acarie, repetia com a mesma força persuasiva admoestações como esta: “Tudo quanto se relaciona com a divindade de Jesus, com sua santa humanidade, com os estados e mistérios de sua vida maravilhosa, no tempo e na eternidade, se reveste de um caráter de grandeza e de uma dignidade infinita, que sobrepujam nossa compreensão humanamente limitada [...]. O Juízo Universal que o Filho de Deus pronunciará no fim dos tempos não terá outro fim senão o de tributar, mediante a tremenda justiça de Nosso Senhor, uma suprema homenagem a todos os seus mistérios, proclamando, perante toda a humanidade, quanto esta fez ou omitiu na meditação e amor aos mistérios de Cristo, ao longo de todos os séculos e em todos os lugares do universo”.¹

' #%&

5 f h] [c g

Escolhido para o serviço da Igreja

Nascido em 14 de novembro de 1601 no vilarejo de Ri, próximo a Argentan, João Eudes foi uma resposta da Providência às súplicas de seus pais. Acabrunhados pela perspectiva de não terem filhos, peregrinaram a um santuário mariano para implorar esta graça e ali consagraram de antemão a Nossa Senhora o fruto de sua união. Em pouco tempo nascia-lhes o menino, que apressaram em conduzir à fonte batismal.

(#%&

5 f h] [c g

*Os resultados de sua pregação
podiam ser medidos pela
afluência do público*

*Pregação de São João Eudes
- Catedral de São José, San José
(Estados Unidos)*

A família pôde comprovar, logo nos anos da infância, como o oferecimento fora de fato aceito: percebia-se a olhos vistos a vocação religiosa da criança. Ainda pequeno não poupava esforços para comungar com assiduidade, contrariando a tendência jansenista então reinante, como ele mesmo o atesta: “Estando numa paróquia onde muito poucas pessoas comungavam fora da Páscoa, comecei por volta dos 12 anos a conhecer a Deus, por uma graça especial de sua divina bondade, e a comungar todos os meses, após ter feito uma Confissão geral. Foi na festa de Pentecostes que Ele me concedeu a graça de fazer a Primeira Comunhão. [...] Pouco tempo depois, Ele me deu também a graça de Lhe consagrar meu corpo pelo voto de castidade”.²

Inscrito por seu pai no colégio jesuíta de Caen, revelou-se ali um aluno de raras qualidades – “o devoto Eudes”,³ como gostavam de chamá-lo. Estudou depois teologia com máximo proveito na universidade desta mesma cidade normanda. Aos 19 anos ouviu em seu interior o chamado à vida eclesiástica, e recebeu do Bispo diocesano a tonsura e as ordens menores.

Sua vocação, todavia, estava por florescer. Foi no contato com os membros do recém-fundado Oratório de Bérulle que João Eudes sentiu-se interpelado pela graça a dar um passo decisivo: tomar parte naquela nova família espiritual, dedicada a honrar o mistério do sacerdócio de Jesus Cristo. Impressionado pelo exemplo de vida dos clérigos que a integravam, ele se apresentou às portas do convento para pedir admissão e “seu pedido foi favoravelmente acolhido pelo superior da comunidade de Caen, o padre Aquiles de Harlay-Sancy, que escreveu de imediato ao padre Bérulle”.⁴

Vocação missionária

) #%&

5 f h] [c g

Com passo resoluto este jovem de 22 anos ingressa na Congregação do Oratório, de onde é enviado pouco depois para o noviciado de Paris. Sua ordenação sacerdotal teria lugar apenas dois anos mais tarde; contudo, já no mês seguinte ele realizaria a primeira missão.

Ouçamo-lo narrar as razões que o levaram a abraçar desde cedo esta causa, que seria a de toda a sua vida: “Algo deplorável até às lágrimas de sangue é ver que, dentre o tão grande número de homens que povoam a Terra, que foram batizados e, em consequência, admitidos na condição de filhos de Deus, membros de Jesus Cristo e templos vivos do Espírito Santo, portanto obrigados a levar uma vida conforme a estas divinas qualidades, muito mais numerosos são os que vivem como animais, como pagãos e até mesmo como demônios; quase não há quem se comporte como verdadeiro cristão”.

Os períodos transcorridos na glamorosa capital contrastavam com o árduo exercício do ministério nas regiões onde a população católica vivia abandonada. Por isso, São João Eudes exclamava com justa indignação: “Que fazem em Paris tantos doutores e tantos bacharéis, enquanto as almas perecem aos milhares por falta de quem lhes estenda a mão para tirá-las da perdição e preservá-las do fogo eterno? Decerto, creia-me, eu iria a Paris gritar na Sorbonne e nas outras faculdades: ‘Fogo! Fogo! O fogo do inferno incendeia todo o universo! Vinde, senhores doutores, vinde, senhores bacharéis, vinde, senhores padres, vinde todos, senhores eclesiásticos, vinde ajudar a apagá-lo!’”.

* #/%&

5 f h] [c g

+ # % &

5 f h] [c g

*Todas as criaturas existentes na
Terra experimentam os efeitos
da bondade deste Coração*

*Vitral da Igreja de São Pedro,
Dourdain (França)*

Os resultados de sua pregação podiam ser medidos pela afluência do público, que não raras vezes acorria aos milhares às praças das catedrais. Os números correspondiam não somente à assistência, - como também ao de Sacramentos administrados: “É de partir o coração de piedade ver um grande número desta pobre gente vinda de três ou quatro lugares, apesar dos maus caminhos, pedir, entre lágrimas, para ser atendida em Confissão, e que permanece de seis a oito dias sem poder ser atendida, dormindo à noite nos pórticos e nos mercados, qualquer que seja o tempo”.

Calcula-se que nas longas décadas dedicadas a esta forma específica de apostolado, São João Eudes organizou cerca de 110 missões, que duravam normalmente vários meses e abrangiam vastos territórios. Nem sequer o rei Luís XIV e a rainha Ana d’Áustria deixaram de ser beneficiados por seus ensinamentos, pois o Santo realizou uma concorrida pregação em Versailles, na qual recriminou com termos severos a má conduta dos soberanos. Reconhecendo-se merecedores daquelas palavras, ambos passaram a dedicar-lhe uma alta estima e a favorecê-lo sempre que se apresentava alguma ocasião.

Aurora da devoção ao Sagrado Coração de Jesus

Nesse contexto de fecunda atividade pastoral, verificou São João Eudes os estragos feitos pela heresia jansenista, então em plena expansão. Os adeptos desta corrente nefasta, que fingiam possuir uma elevada espiritualidade, levavam as pessoas a duvidar da misericórdia de Deus, na errada crença de estarem excluídos do número dos eleitos. Assim, incontáveis católicos abandonavam a prática da Fé, por desespero da salvação.

Firmemente convencido do contrário, logo se pôs ele a campo para

reverter este quadro. Sua atuação missionária tinha o claro propósito de aproximar do amor divino as almas arrependidas e infundir-lhes a certeza de nunca serem abandonadas por Deus, mesmo carregadas de graves culpas. Fiel a um chamado interior que o movia a pregar esta bondade, o santo sacerdote não tardou em relacionar a caridade infinita de Cristo com o seu Coração humano-divino, órgão no qual habita toda a plenitude da divindade.

Com efeito, “São João Eudes é o primeiro teólogo que tratou do objeto próprio da devoção ao Coração de Jesus”, afirma Lebrun.⁸ Transbordante de entusiasmo, proclama o Santo: “O Coração augusto de Jesus é uma Fornalha de Amor que espalha seu fogo e suas chamas por todos os lados, no Céu, na Terra e em todo o universo. [...] Todas as criaturas existentes na Terra, mesmo as insensíveis, inanimadas e irracionais, experimentam os incríveis efeitos da bondade deste magnífico Coração”.

E para fixar na mente dos fiéis esta doutrina, ele compôs uma Missa e Ofício em honra ao Sagrado Coração de Jesus, cujos textos atestam até hoje a unção, a piedade e a pureza de doutrina de seu autor. Graças a São João Eudes, o Divino Coração foi honrado oficialmente pela primeira vez na História da Igreja, o que lhe valeu o título de “autor do culto litúrgico aos Sagrados Corações de Jesus e Maria”,¹⁰ outorgado por Leão XIII, e o de “pai, doutor e apóstolo”¹¹ deste mesmo culto, conferido por São Pio X ao beatificá-lo. Quando as revelações a Santa Margarida Maria Alacoque ocorreram em Paray-le-Monial, no ano de 1675, havia já um povo preparado para corresponder ao seu apelo de amor.

O Coração de Jesus e Maria

A um passo tão ousado, logo se seguiram duras reprovações por parte daqueles que não queriam reconhecer neste culto o sopro do Espírito Santo. Sem titubear, o Santo lhes deu uma réplica sagaz: “Se esta devoção é objetada pela novidade, eu responderei que a novidade é muito perniciosa nas coisas da Fé, mas muito boa nas coisas da piedade”.

5 f h] [c g

%\$#%&

5 f h] [c g

“Nosso propósito foi sempre de contemplar e honrar estes dois amáveis Corações como um mesmo Coração”

Retrato do Santo disponibilizado pelos eudistas em sua página web

Convicto de que esta nova devoção tinha sua origem num desígnio providencial, São João Eudes mostrou, por argumentos teológicos, que o Coração de Jesus e o de Maria não têm diferenças entre si, mas constituem, pela união existente entre ambos, um só e mesmo Coração. “Jamais tivemos, no entanto, a intenção de separar duas coisas que Deus uniu tão estreitamente, como são o Coração augustíssimo do Filho de Deus e o de sua Bem-Aventurada Mãe: pelo contrário, nosso propósito foi sempre, desde os primórdios de nossa congregação, de contemplar e honrar estes dois amáveis Corações como um mesmo Coração, em unidade de espírito, de sentimento e de afeição, como está manifestamente expresso na saudação que fazemos todos os dias ao Divino Coração de Jesus e Maria, bem como na oração e em várias partes do Ofício e da Missa que celebramos na festa do Sagrado Coração de Maria Virgem”.

Duas novas congregações para a Igreja

Seus 78 anos de vida foram uma constante lição de perseverança, sem esmorecer na luta contra os inimigos da Igreja ávidos de arrebatam as ovelhas do redil de Cristo; uma doação de si até o último alento, pelo bem das almas. Sinal de ser esta entrega uma oferenda grata a Deus foi a missão realizada na idade de 70 anos, na qual gozou de energias sobre-humanas: “Deus me deu tanta força nesta missão, que eu preguei quase todos os dias, durante doze semanas, a uma enorme assembleia reunida na catedral, com o mesmo vigor que possuía na idade de 30 anos. É por isto que tomei a resolução de empregar neste trabalho o resto de minha vida”.

O maior de todos os embates foi sua saída do Oratório - ao qual estava ligado por laços de profunda afeição -, a fim de fundar duas novas

5 f h] [c g

famílias religiosas para a Santa Igreja: a Congregação de Jesus e Maria, em 1643, voltada à formação do clero e a perpetuar as missões paroquiais; e o Refúgio de Nossa Senhora da Caridade, em 1651, destinado a socorrer mulheres em situação de risco.

Deus lhe havia reservado também esta coroa: estabelecer uma descendência espiritual empenhada em glorificá-Lo segundo o carisma que norteou sua existência. Hoje, decorridos mais de três séculos da morte de São João Eudes, seus filhos e filhas fazem ecoar, através de meritorias obras de evangelização ao redor do mundo, um brado que ele repetia a todo instante e que resume o ideal que animou este gigante da Fé: “Viva Jesus e Maria!”. (Revista Arautos do Evangelho, Agosto/2015. n. 164, pp. 18 a 21)

%&#%&